

SEXUALIDADES JUVENIS NO TERRITÓRIO INDÍGENA ANAMBÉ EM MOJU-PA

YOUTH SEXUALITIES IN THE ANAMBÉ INDIGENOUS TERRITORY IN MOJU-PA

SEXUALIDADES JUVENILES EN EL TERRITORIO INDÍGENA ANAMBÉ EN MOJU-PA

Jucineide de Nazaré Nunes Braz¹

Antonio Genivan Nunes Braz²

Marileide Nunes Braz³

Genival Nunes Braz⁴

Jairo da Silva e Silva⁵

RESUMO: Este estudo analisa as formas pelas quais jovens do território indígena Anambé, localizado no município de Moju, estado do Pará, Brasil, constroem sentidos sobre sexualidade, afetos e identidade no contexto de suas relações comunitárias, escolares e familiares. A pesquisa adota método qualitativo de natureza exploratório-interpretativa, adequado para investigar experiências subjetivas em contextos socioculturais específicos. Os dados primários foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas com seis jovens, observação direta na aldeia Mapurupy e registros de diário de campo. Dados secundários incluem documentos institucionais, materiais públicos e descrições socioterritoriais do povo Anambé. A análise dos dados seguiu procedimentos de organização temática, codificação e interpretação discursiva, permitindo identificar recorrências e singularidades nas narrativas. Os resultados evidenciam que a sexualidade juvenil Anambé é atravessada por intensa regulação comunitária, influências religiosas e normas escolares, mas também por práticas de resistência, invenção e agência afetiva. A escola emerge como espaço ambivalente, no qual discursos moralizantes coexistem com experimentações identitárias. A circulação entre aldeia e cidade amplia repertórios subjetivos e contribui para a formação de identidades híbridas. Conclui-se que as juventudes Anambé produzem sentidos próprios de viver o corpo e o afeto, articulando tradição, território e influências externas em permanente negociação.

Palavras-chave: Juventude Indígena. Povo Anambé. Sexualidade.

1

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação pela Universidade Federal do Pará (PPGCITE/UFPA). Professora da rede pública de educação do município de Moju/PA.

²Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação pela Universidade Federal do Pará (PPGCITE/UFPA). Professor da rede pública de educação do município de Tailândia/PA.

³Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação pela Universidade Federal do Pará (PPGCITE/UFPA). Professora da rede pública de educação do município de Moju/PA e da rede pública do estado do Pará (SEDUC/PA).

⁴Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de História pela Universidade Federal do Pará (ProfHistória/UFPA). Professor da rede pública de educação do município de Tailândia/PA e da rede pública do estado do Pará (SEDUC/PA).

⁵Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professor no Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação pela Universidade Federal do Pará (PPGCITE/UFPA) e no Instituto Federal do Pará (IFPA).

ABSTRACT: This study analyzes the ways in which young people from the Anambé indigenous territory, located in the municipality of Moju, state of Pará, Brazil, construct meanings about sexuality, affection, and identity within the context of their community, school, and family relationships. The research adopts a qualitative, exploratory-interpretative method, suitable for investigating subjective experiences in specific sociocultural contexts. Primary data were produced through semi-structured interviews with six young people, direct observation in the Mapurupy village, and field diary entries. Secondary data include institutional documents, public materials, and socio-territorial descriptions of the Anambé people. Data analysis followed procedures of thematic organization, coding, and discursive interpretation, allowing the identification of recurrences and singularities in the narratives. The results show that Anambé youth sexuality is traversed by intense community regulation, religious influences, and school norms, but also by practices of resistance, invention, and affective agency. The school emerges as an ambivalent space, in which moralizing discourses coexist with identity experimentations. The movement between village and city broadens subjective repertoires and contributes to the formation of hybrid identities. It is concluded that Anambé youth produce their own meanings of experiencing the body and affection, articulating tradition, territory, and external influences in constant negotiation.

Keywords: Indigenous Youth. Anambé People. Sexuality.

RESUMEN: Este estudio analiza las maneras en que los jóvenes del territorio indígena Anambé, ubicado en el municipio de Moju, estado de Pará, Brasil, construyen significados sobre la sexualidad, el afecto y la identidad en el contexto de sus relaciones comunitarias, escolares y familiares. La investigación adopta un método cualitativo, exploratorio-interpretativo, adecuado para la investigación de experiencias subjetivas en contextos socioculturales específicos. Los datos primarios se obtuvieron mediante entrevistas semiestructuradas con seis jóvenes, observación directa en la aldea Mapurupy y anotaciones en diarios de campo. Los datos secundarios incluyen documentos institucionales, materiales públicos y descripciones socioterritoriales del pueblo Anambé. El análisis de datos siguió procedimientos de organización temática, codificación e interpretación discursiva, lo que permitió la identificación de recurrencias y singularidades en las narrativas. Los resultados muestran que la sexualidad juvenil Anambé está atravesada por una intensa regulación comunitaria, influencias religiosas y normas escolares, pero también por prácticas de resistencia, invención y agencia afectiva. La escuela emerge como un espacio ambivalente, en el que los discursos moralizantes coexisten con las experimentaciones identitarias. El movimiento entre el pueblo y la ciudad amplía los repertorios subjetivos y contribuye a la formación de identidades híbridas. Se concluye que los jóvenes Anambé construyen sus propios significados de la experiencia del cuerpo y el afecto, articulando la tradición, el territorio y las influencias externas en constante negociación.

2

Palabras clave: Juventud Indígena. Pueblo Anambé. Sexualidad.

I. INTRODUÇÃO

As sexualidades juvenis indígenas constituem um campo de investigação que demanda sensibilidade metodológica e rigor analítico, especialmente quando situadas em territórios marcados por múltiplas camadas históricas, socioculturais e territoriais. No caso da Terra

Indígena (T.I.) Anambé, localizada no município de Moju⁶, no estado do Pará, as experiências afetivas, corporais e relacionais da juventude emergem em meio a dinâmicas comunitárias que articulam ancestralidade, escolarização, religiosidade e processos de contato intercultural. Diante desse cenário, torna-se fundamental compreender como jovens indígenas significam suas vivências, constroem identidades e elaboram sentidos para a sexualidade no cotidiano do território.

A relevância deste estudo reside na necessidade de dar visibilidade às vozes juvenis, frequentemente silenciadas pelas narrativas hegemônicas que padronizam comportamentos e invisibilizam as especificidades socioculturais dos povos indígenas. A investigação justifica-se pela importância de analisar como esses jovens elaboram afetos, desejos, expectativas e estratégias de reexistência diante das normas que atravessam a vida comunitária e escolar.

O problema que orienta a pesquisa pode ser sintetizado na seguinte questão: como jovens do território indígena Anambé constroem e expressam sentidos sobre sexualidade, afetos e identidades no contexto de suas relações sociais, familiares e institucionais?

O objetivo geral consiste em analisar as experiências, percepções e narrativas de jovens Anambé sobre sexualidade e afetividade. Como desdobramentos, busca-se compreender como tais vivências se articulam com dinâmicas comunitárias, práticas educativas e processos de subjetivação no território.

O estudo adota um recorte metodológico qualitativo baseado em trabalho de campo, entrevistas, observação direta e registros sistemáticos. O recorte conceitual organiza-se em torno das discussões contemporâneas sobre juventudes, sexualidades e processos formadores de subjetividades, articuladas às especificidades socioculturais da realidade indígena amazônica.

Por fim, além dessa parte introdutória, o artigo estrutura-se da seguinte forma: a segunda seção descreve os procedimentos metodológicos; a terceira apresenta a fundamentação teórica que sustenta a pesquisa empreendida; a quarta reúne a análise e a discussão dos resultados; e, a última seção apresenta as considerações finais do estudo.

⁶Moju é um município paraense localizado na região Norte do Brasil, às margens do rio Moju. Situa-se a aproximadamente 120 km da capital Belém, com tempo médio de viagem de 1h40min por via rodoviária. Possui área territorial de 9.094,139 km². De acordo com o Censo 2022, sua população é de 84.094 habitantes. No ranking populacional do estado, ocupa a 18^a posição, estando em 35º lugar na região Norte e 388º no Brasil (IBGE, 2026).

2. METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa (Flick, 2009; Chizzotti, 2000), apropriada para estudos que buscam compreender experiências, percepções e processos subjetivos situados em contextos socioculturais específicos. A escolha desse enfoque metodológico fundamenta-se na possibilidade de acessar dimensões simbólicas e relacionais que estruturam a vida juvenil no território indígena Anambé, reconhecendo os modos próprios de produção de sentidos e formas de socialização presentes no cotidiano comunitário.

No tocante ao método, o estudo segue um método exploratório-interpretativo, amplamente utilizado em pesquisas internacionais com povos indígenas e grupos minoritários, por permitir a análise aprofundada de narrativas, práticas discursivas e regimes de significação (Smith, 2018; Wilson, 2004; Carey, 2018; Brown, 2021).

Esse método orienta a construção de interpretações a partir de dados produzidos em interação direta com os participantes, respeitando seus modos de narrar e autorizar o compartilhamento de informações sensíveis, especialmente em temas relacionados à sexualidade, afetividade e identidade juvenil.

Para os procedimentos de levantamento de dados, os dados primários foram coletados durante trabalho de campo realizado na aldeia Mapurupy Anambé, por meio de entrevistas semiestruturadas, observação direta e registros de campo sistematizados (Angrosino, 2009). Foram entrevistados seis juvenis Anambé, entre 13 e 15 anos, contemplando diversidade de gênero e trajetórias escolares. As entrevistas ocorreram na oca comunitária, ambiente escolhido pelos próprios participantes como espaço de confiança e privacidade. Além disso, observações do cotidiano, interações juvenis e práticas comunitárias compuseram o *corpus* empírico, seguindo protocolos éticos internacionais para pesquisas com povos indígenas (Dutta et al., 2010; Dutta, 2019; Browne et al., 2023).

Dados secundários foram obtidos por meio de levantamento documental sobre história, território e organização sociocultural do povo Anambé, incluindo relatórios institucionais, documentos públicos e registros antropológicos previamente publicados.

No que diz respeito aos procedimentos de análise de dados, a análise seguiu um procedimento textual-discursivo, orientado pela identificação de categorias emergentes, recorrências temáticas e sentidos produzidos pelos jovens sobre sexualidade, afetividade, corpo e normas comunitárias. Essa abordagem dialoga com metodologias interpretativas

utilizadas em pesquisas internacionais sobre juventudes indígenas, nas quais se analisam discursos e experiências a partir de categorias construídas no campo (Simpson, 2004; Simpson e Smith, 2014; Smith, 2018). O processo analítico ocorreu em três etapas: organização do corpus, codificação temática e construção interpretativa.

Quanto ao perfil dos dados primários e secundários, os primeiros consistem em 6 entrevistas gravadas e transcritas, notas extensas de diário de campo e registros de observação participante, totalizando aproximadamente 40 páginas de transcrições e 28 páginas de notas observacionais. Os dados secundários foram selecionados a partir de documentos oficiais, pesquisas acadêmicas e materiais institucionais que descrevem territorialidade, organização social e processos de escolarização no território indígena Anambé.

A triangulação teórico-metodológica foi realizada articulando três dimensões principais: a) dados empíricos, produzidos em campo; b) dados documentais, que contextualizam território, escola e organização Anambé; c) referencial conceitual internacional, que discute juventudes indígenas, sexualidades, agência e territorialidade.

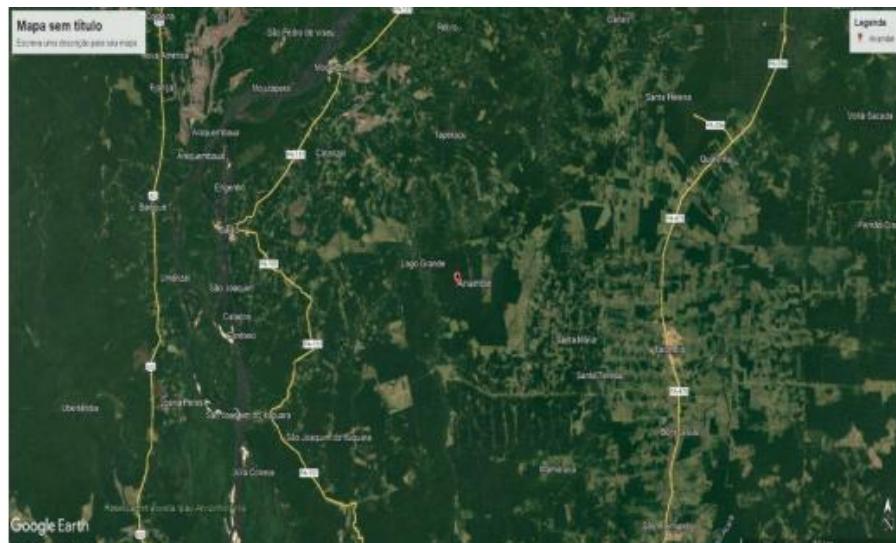
Essa triangulação permite comparar as narrativas dos jovens com pesquisas realizadas em outros contextos de povos indígenas, ampliando a força interpretativa do estudo e assegurando rigor metodológico conforme recomendações recentes da literatura internacional.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Terra Indígena Anambé está localizada na zona rural do município de Moju, no estado do Pará, integrando a região conhecida como Baixo Tocantins. Seu território é composto por áreas de floresta densa, igarapés, campos naturais e pequenas elevações, formando um ambiente ecossistêmico que articula biodiversidade, práticas de subsistência e memórias coletivas.

A seguir, apresenta-se um mapa do território e sua localização espacial da área de estudo (figura 1). A representação do espaço permite visualizar as dinâmicas socioambientais que influenciam a mobilidade, a organização comunitária e as interações entre aldeia, escola e cidade.

Figura 1: Localização da T.I. Anambé.



Fonte: Imagens de satélite do Google Earth: <https://goo.gl/maps/3vdtgeyygmsyfnqz8>. Acesso: 20 jan. 2026.

A aldeia Mapurupy constitui o principal núcleo comunitário, onde se concentram as atividades sociais, educativas e rituais do povo Anambé. O acesso ao território ocorre majoritariamente por estradas vicinais e trechos fluviais, evidenciando uma dinâmica espacial marcada pelas interações entre floresta, rio e caminhos de terra, que estruturam tanto a mobilidade interna quanto as relações com comunidades e cidades próximas.

As formas de organização familiar, o uso do espaço e a circulação dos jovens refletem modos tradicionais de ocupação, articulados a transformações resultantes de políticas educacionais, ações missionárias e processos de contato intercultural (Negrão Filho, 2023).

A territorialidade Anambé expressa-se na relação contínua com os recursos naturais, no manejo sustentável do ambiente, na transmissão de conhecimentos entre gerações e nos sistemas próprios de socialização. A presença da escola, da oca comunitária e dos espaços de reunião coletiva orienta práticas cotidianas e estabelece dinâmicas de convivência que influenciam diretamente as experiências juvenis, sobretudo no que diz respeito a afetos, sexualidades, normas comunitárias e interações geracionais.

No que diz respeito à revisão de literatura, direcionou-se então às temáticas de juventudes indígenas, sexualidades e subjetivação em contextos interculturais, tal como se vê. As pesquisas internacionais sobre juventudes indígenas têm destacado que processos de subjetivação, afetividade e sexualidade não podem ser separados das territorialidades,

cosmologias e dinâmicas comunitárias que estruturam a vida coletiva dos povos originários. Estudos da Antropologia realizada por estudiosos indígenas (*Indigenous Studies*), como os de Audra Simpson (2004), Audra Simpson e Andrea Smith (2014) e Linda Tuhiwai Smith (2018) consolidaram o entendimento de que identidades indígenas se constituem não apenas como categorias étnicas, mas como formas políticas e epistemológicas de existência que desafiam as narrativas coloniais vigentes (Paradies, 2020).

Essa perspectiva tem sido amplamente desenvolvida na última década, especialmente a partir do eixo norte-americano e oceânico, onde debates sobre território, corpo e autodeterminação estão profundamente conectados à vida juvenil indígena.

No campo específico da sexualidade, pesquisas internacionais apontam que os modos de expressar afetos, desejos e relações de gênero são atravessados por valores comunitários, normas intergeracionais e pela interação com instituições como escola, igrejas e políticas públicas. Rubin (2017) e Butler (2001; 2018), embora não escrevam sobre populações indígenas, oferecem referenciais teóricos que têm sido reapropriados por pesquisadores indígenas contemporâneos para analisar sistemas normativos e regimes de controle que influenciam corpos e experiências juvenis. Estudos como os de Dutta (2010 e 2019) e Paradies (2020) têm discutido como juventudes indígenas negociam tensões entre tradições comunitárias, discursos religiosos e influências midiáticas globais.

Na América Latina, pesquisas de Margulis e Urresti (1995) e Pérez Ruiz (2019) apontam que juventudes indígenas vivenciam sexualidade em meio a processos de escolarização que frequentemente reproduzem moralidades coloniais, ainda que também se constituam como espaços de resistência simbólica.

No Brasil, estudos sobre sexualidades de jovens indígenas, como os de Cariaga (2015) e Fernandes (2015) têm evidenciado a coexistência de múltiplos regimes discursivos que envolvem escola, família, sistema de parentesco e presença religiosa, dialogando com tendências internacionais de análise. Esses trabalhos convergem na compreensão de que a sexualidade indígena não se reduz a práticas corporais, mas integra sistemas cosmológicos e modos de vida vinculados à territorialidade. A partir da leitura dos referidos estudos, comprehende-se que políticas de corpo e moralidade continuam sendo instrumentos centrais de regulação da vida indígena nos processos contemporâneos de colonialidade. Essa perspectiva encontra ressonância em estudos com jovens indígenas amazônicas (como os Anambé), que analisam tensões entre escola, religiosidade e modos tradicionais de socialização.

Estudos mais recentes como o de Ana Silva (2025) ressaltam que a sexualidade indígena é interpretada como campo de disputa política e simbólica, profundamente marcado por cosmologias próprias e pela busca contínua por autodeterminação cultural.

Pesquisas australianas e neozelandesas (Simpson, 2004; Hokowhitu, 2009; Simpson e Smith 2014, Smith, 2018; Paradies, 2020) contribuem amplamente para a articulação teórica entre sexualidades, território e soberania epistemológica, demonstrando que juventudes indígenas produzem formas próprias de agência, criando linguagens afetivas e estratégias de reexistência frente a mecanismos de vigilância moral. Essas investigações fortalecem a dimensão comparativa e ampliam o diálogo interdisciplinar sobre juventudes originárias.

Por fim, integra-se ao debate proposto, estudos que discutem metodologia qualitativa (Chizzotti, 2000; Flick, 2009) numa perspectiva qualitativa, os quais reforçam a importância de triangulações metodológicas robustas e discussões conectadas ao estado internacional da arte.

Dessa forma, a revisão da literatura evidencia que juventudes indígenas, em diferentes contextos globais, constroem sexualidades e afetos sob a tensão entre normas comunitárias, influências externas e processos de reexistência cotidiana. Esse panorama internacional permite compreender as especificidades do território Anambé à luz de debates amplos sobre corpo, identidade, colonialidade, fornecendo lastro teórico consistente para análise dos dados produzidos em campo.

8

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise das narrativas e experiências dos jovens Anambé revela um conjunto complexo de sentidos produzidos sobre sexualidade, corpo, afetividade e pertencimento, articulados às transformações socioculturais que atravessam o território indígena. A juventude emerge como um tempo de intensas negociações entre normas comunitárias, influências religiosas, expectativas familiares e discursos escolares, configurando um campo de tensões, mas também de criação de novos modos de existir.

Esse conjunto de resultados alinha-se ao que pesquisas internacionais têm demonstrado sobre jovens indígenas em diversos territórios colonizados, da Oceania às Américas, para quem a sexualidade é vivida como campo político e como território simbólico de construção identitária (Simpson, 2004; Simpson e Smith, 2014, Wilson, 2004; Smith, 2018).

As falas dos jovens indicam que a sexualidade não é percebida apenas como comportamento individual, mas como dimensão comunitária, observada e regulada por

diferentes atores: família, lideranças, escola e igreja. Muitos participantes destacam que suas primeiras aprendizagens sobre corpo e afetividade ocorreram em relação direta com os ciclos de convivência comunitária (festas, rituais, conversas entre pares e observação dos mais velhos). Essa compreensão é coerente com pesquisas realizadas em povos indígenas neozelandeses e australianos, onde a sexualidade juvenil é atravessada por normas intergeracionais que modelam práticas e expectativas (Hokowhitu, 2009; Carey, 2018).

No território Anambé, essa regulação aparece associada ao cuidado coletivo, mas também às tensões introduzidas por formas contemporâneas de moralidade, em especial a religiosa. Jovens relatam que expressões afetivas e corporais consideradas “aceitáveis” ou “não aceitáveis” são negociadas de maneira permanente. Esse processo de vigilância moral ecoa análises feitas por estudiosos da Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos, supracitados, que observam a presença crescente de discursos religiosos na organização da sexualidade indígena.

A escola indígena aparece nas narrativas como espaço ambivalente. De um lado, ela incorpora discursos normativos de gênero e comportamento que reforçam padrões hegemônicos; de outro, constitui um território onde jovens criam linguagens novas para falar de si, construir identidade e experimentar modos de existência que não cabem nos discursos tradicionais. Essa ambivalência está evidentemente documentada na literatura internacional, que identifica a escola como lugar onde se cruzam vigilância e possibilidade

9

Os jovens Anambé relatam que é na escola que surgem primeiras conversas sobre namoro, afetos e relações, ainda que permeadas por censuras implícitas. Também dizem que é nesse ambiente que certos preconceitos, trazidos de fora ou reproduzidos internamente, se manifestam com mais intensidade. A escola, portanto, age como dispositivo disciplinar, mas também como espaço de ensaio de formas alternativas de convivência.

Ademais, a presença de igrejas cristãs no território Anambé desempenha papel central na produção de normas sobre corpo, sexualidade e afetividade. Jovens afirmam que certas expressões de desejo são silenciadas ou corrigidas pelo regramento religioso. Essa reorganização dos afetos coincide com fenômenos registrados em territórios indígenas latino-americanos (Fernandes, 2015; Silva, 2025), nos quais moralidades cristãs introduzem novas formas de vigilância e disciplinamento.

A análise dos discursos juvenis demonstra que a religião opera como tecnologia de criação de “regimes de verdade” sobre o que é certo ou errado no comportamento afetivo e sexual (Foucault, 1987; 2006). No entanto, muitos jovens também reinterpretam ou flexibilizam

essas normas, criando espaços de agência e resistência, em contextos de micropoderes (Foucault, 2013).

Apesar das tensões comunitárias, religiosas e escolares, os jovens Anambé demonstram grande capacidade de agenciamento. Suas narrativas evidenciam estratégias para expressar sentimentos, negociar limites, construir relações afetivas e criar zonas de liberdade dentro do território. Esse movimento ressoa o conceito de “indigenous resurgence” apresentado por Dhillon (2022), no qual povos indígenas reconfiguram práticas cotidianas para afirmar modos de vida próprios. São as táticas que Michel de Certeau (2014) chamaria de “artes de fazer”; práticas inventivas do cotidiano que reconfiguram as normas sem necessariamente enfrentá-las frontalmente.

Os jovens reinterpretam códigos comunitários, constroem intimidade com discrição, negociam afetos em espaços de pouca visibilidade e criam redes de confidênciа entre seus pares. Tais táticas de existência também foram identificadas por Paradies (2020) entre jovens indígenas da Austrália e por Carey (2018) na Nova Zelândia.

As narrativas mostram que a sexualidade juvenil é moldada pela circulação entre aldeia e cidade. Jovens que estudam nas zonas citadinas experimentam novos discursos, linguagens afetivas e comportamentos que acabam retornando ao território, gerando tensões e, também, inovações. Esse movimento é amplamente descrito na literatura internacional como “modernity in motion”, um fenômeno no qual juventudes indígenas constroem subjetividades híbridas ao transitar entre diferentes esferas sociais (Browne et al., 2023; Carey, 2018; Brown, 2021).

10

Neste sentido, os resultados do presente estudo se alinham fortemente a achados internacionais, reforçando: que a sexualidade indígena é vivida como território político e simbólico; que escola e religião são dispositivos centrais de regulação moral; que jovens produzem resistência e agência mesmo sob normas rígidas; que afetividade indígena não se separa de território e cosmologia; que juventudes originárias constroem subjetividades híbridas em contextos interculturais.

Essa convergência fortalece a validade interpretativa da pesquisa e demonstra que as experiências dos jovens Anambé dialogam com tendências globais de estudos indígenas contemporâneos. Essa triangulação permite afirmar que, o contexto do povo indígena Anambé confirma, estende e complexifica o estado internacional da arte, tendo em vista a confirmação de padrões descritos globalmente, tais como: normatividade comunitária; impacto religioso;

escola como ambivalência; agenciamento juvenil; subjetividades híbridas.

Ao mesmo passo, estende esses padrões ao contexto amazônico, revelando: especificidades do território florestal e ribeirinho; centralidade da oca e dos rituais; interação entre cosmologias indígenas e moralidades cristãs. Na mesma direção, complexifica análises internacionais ao mostrar que: normas comunitárias podem ser simultaneamente protetoras e restritivas; afetos indígenas operam na fronteira entre o visível e o discreto; a juventude articula resistência sem romper integralmente com tradições.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das narrativas dos jovens Anambé permitiu compreender que as experiências de sexualidade, afetividade e identidade são produzidas no entrelaçamento contínuo entre território, comunidade, escola, religiosidade e circulação intercultural. Os resultados evidenciam que a sexualidade juvenil não constitui dimensão isolada ou meramente individual, mas integra um sistema social complexo que articula normas, expectativas, vigilâncias e, simultaneamente, potentes gestos de invenção, liberdade e reexistência. A juventude emerge, assim, como espaço de tensão criativa, no qual são negociados modos de sentir, experimentar e significar o corpo e os afetos na aldeia.

A partir dos dados de campo, foi possível hierarquizar cinco resultados principais deste estudo. Primeiro, identificou-se que a sexualidade indígena é marcada por forte regulação comunitária, na qual família, lideranças e pares sociais desempenham papéis complementares de cuidado e controle. Segundo, observou-se a presença ambivalente da escola, que ao mesmo tempo reproduz moralidades externas e possibilita novas linguagens afetivas entre jovens. Terceiro, verificou-se que a religiosidade exerce grande influência na definição de normas e interditos, reorganizando percepções sobre corpo e desejo. Quarto, constatou-se que os jovens desenvolvem estratégias de resistência, criam redes de confidênciа e elaboram táticas de existência para viver afetos e relações de maneira própria. Por fim, destacou-se o papel da circulação entre aldeia e cidade, que amplia repertórios subjetivos e produz formas híbridas de identidade.

Apesar da amplitude analítica alcançada, o estudo apresenta limitações. O número reduzido de participantes e a curta duração do trabalho de campo restringem a possibilidade de generalização dos resultados para toda a população jovem do território. Além disso, temas sensíveis como sexualidade podem ter sido parcialmente silenciados devido à própria natureza

íntima das experiências e às relações de confiança em construção. Outros marcadores, como diversidade sexual e relações de gênero não-hegemônicas, também poderiam ser aprofundados em pesquisas futuras.

A partir dessas limitações, recomenda-se que estudos posteriores ampliem o número de participantes, incorporem múltiplas aldeias e utilizem metodologias colaborativas de longa duração com maior participação comunitária. Pesquisas comparativas com outros povos indígenas da Amazônia e de regiões internacionais podem enriquecer a compreensão das convergências e singularidades da sexualidade juvenil indígena. Estudos interseccionais que articulem gênero, religião, mídia, escolarização e territorialidade também se mostram promissores para aprofundar o debate.

Em termos conclusivos, a pesquisa demonstra que os jovens Anambé produzem modos próprios de significar e viver a sexualidade, articulando tradições, valores comunitários e influências externas de forma criativa e, muitas vezes, silenciosa. Seus gestos revelam não apenas tensões, mas sobretudo a capacidade de recriar mundos e atualizar cosmologias dentro de um território em constante movimento. A sexualidade, nesse contexto, torna-se linguagem de pertencimento, fronteira de negociação moral e espaço de afirmação identitária.

Assim, o estudo contribui para a compreensão das juventudes indígenas na Amazônia brasileira, reforça a importância de abordagens que respeitem a complexidade sociocultural desses territórios e reafirma que toda investigação deve reconhecer a autonomia, a dignidade e os modos próprios de existir dos povos originários.

12

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. *Etnografia e observação participante*. Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BROWN, K. *Modernidades Indígenas*. v. 5, n. 4, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26597/mod.0188>. Disponível em: 20 jan. 2026.

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, G. L. (org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Carey, J. (2018). ‘A walk for our race’: colonial modernity, Indigenous mobility and the origins of the Young Māori Party. *History Australia*, 15(3), 430-457.

<https://doi.org/10.1080/14490854.2018.1485462>. Disponível em: 20 jan. 2026.

CARIAGA, D. E. Gênero e sexualidades indígenas: alguns aspectos das transformações nas relações a partir dos Kaiowa em Mato Grosso do Sul. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 24, p. 441-464, 2015.

CERTEAU, M. Invenção do cotidiano: Artes de fazer. v. 1. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 2000.

DHILLON, Jaskiran. Indigenous Resurgence. Berghahn Books. Collection Knowledge Unlatched (KU); KU Focus Collection 2022: Climate Change.

DUTTA, Mohan, et al. Decolonizing open science: Southern interventions. *Journal of Communication*, v. 71, n. 5, p. 803-826, Oxford University Press, oct. 2010.

DUTTA, Uttaran. Digital Preservation of Indigenous Culture and Narratives from the Global South: In Search of an Approach. *Journal Humanities*. v. 8, n. 2, p. 68, Multidisciplinary Digital Publishing Institute, jun. 2019.

FERNANDES, Estevão Rafael. Decolonizando sexualidades: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Comparados sobre as Américas) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19269>. Disponível em: 20 jan. 2026.

13

FIGUEIREDO, N. Os Anambé. Cultura Indígena: textos e catálogos. Belém: Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa - Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.

FLICK, U. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

HOKOWHITU, B. Existencialismo indígena e o corpo. *Revista de Estudos Culturais*. v. 15, n. 2, 2009). Disponível em: <https://philpapers.org/rec/HOKIEA>. Disponível em: 20 jan. 2026.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Moju/PA. Rio de Janeiro: IBGE, 2026. Disponível em: ibge.gov.br/brasil/pa/moju/. Acesso em: 20 jan. 2026.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La construcción social de la condición de juventud. 1995.

NEGRÃO FILHO, C. J. D. Atitudes linguísticas e a situação sociolinguística do povo

Anambé em Moju-Pará. (Tese de Doutorado em Letras). Araguaína: UFNT, 2023.

PARADIES, Y. (2020): *Unsettling truths: modernity, (de-)coloniality and Indigenous futures*, Postcolonial Studies, Doi: <https://doi.org/10.1080/13688790.2020.1809069>. Disponível em: 20 jan. 2026.

PÉREZ RUIZ, M. L. Jóvenes indígenas en América Latina: reflexiones para su investigación desde la antropología. Anuario Antropológico, v. 44 n. 2, 2019, Doi: <https://doi.org/10.4000/aa.4003>. Disponível em: 20 jan. 2026.

RUBIN, G. Políticas do sexo. 1. ed. Trad: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SILVA, Ana Catarina Benfica Barbosa. Existe dissidência sexual indígena? Uma leitura decolonial. Dissertação (mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

SIMPSON, A. Mohawk Interruptus: A vida política através das fronteiras dos estados colonizadores. Durham, NC: Duke University Press, 2014.

SIMPSON, A.; SMITH, A. Teorizando os Estudos Indígenas. Durham, NC: Duke University Press, 2014.

SMITH, L. T. Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas. Tradução: Roberto G. Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

WILSON, A. C. Reclaiming our humanity: decolonization and the recovery of Indigenous knowledge. In: MIHESUAH, D. A.; WILSON, A. C. (org.). *Indigenizing the academy: transforming scholarship and empowering communities*. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2004. —————— 14